



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Címbio, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisbon • Telefone 5330 0.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A Índia e o Império Britânico

NOTAS & COMENTÁRIOS

Raça maldita

A dissociação da forma actual do Império Britânico aparece nítida nos relatórios trocados entre a metrópole e a sua colónia das Índias. Esta dissociação não chegou ainda ao grau que atingiu entre a Irlanda e a Gran-Bretanha, mas para lá se encaminha, posto que por uma forma um pouco diferente. A mentalidade dos povos, os seus hábitos, os seus costumes, a sua religião, tudo isto determinado por meios variados, variam por seu turno a forma de ação e de reacção destes povos. Nas Índias o vegetarianismo quase geral da população, os seus costumes doces e pacíficos, a religião budista e a brahmaica, tam páginas e tam inimigas de sangue, levaram estes povos à resistência passiva. A sua política consiste em não participar seja no que for da vida administrativa dos britânicos. Os juizes hindus recusam julgar, os advogados pleitar, os estudantes frequentar as universidades, os funcionários civis administrar, etc.

O iniciador desta política é Gandhi. A sua autoridade moral é imensa. Milhões de hindus de todas as castas escutam e seguem os seus conselhos. Como tudo se passa pacificamente, o governo britânico está condenado a não empregar a violência na repressão.

E vê-se tanto mais forçado a não deixar as mãos livres aos militares, como o fez na Irlanda, porquanto a população hindu eleva-se a mais de duas centenas de milhões de indivíduos, e porque um movimento operário de uma amplidão considerável nasceu e desenvolve-se com uma rapidez que causa o pánico do espectador europeu.

A indústria, que desde a ante-guerra se desenvolveu nas Índias, em virtude da extrema barateza da mão de obra, sofreu, pelo facto da guerra, um formidável impulso. Sobre o ponto de vista capitalista, está nas mãos dos capitalistas britânicos. Os técnicos são, na sua maioria, britânicos. Os operários são hindus. O fenômeno sociológico constante do crescimento industrial se accompanhou pelo nascimento e pelo crescimento do Trade-Unionismo, deu-se na Índia como aliás em toda a parte. Por isso o actual movimento sindical encontra-se em pleno processo de crescimento. A massa é heteróclita, mas não inculta. Sente os seus interesses colectivos, e segue com ardor a palavra dos intelectuais que pregam o Trade-Unionismo.

E isto dá-se porque estes simplesmente exprimem as necessidades das massas. Não se trata, como no Ocidente europeu, de massas de dezenas ou mesmo de centenas de milhar de operários, mas de massas, de centenas de milhar ou de alguns milhões de operários. Contra tais massas que resistem passivamente mas obstinadamente, os patrões, violentos ou não, são impotentes. Um Labour Party hindu existe portanto, já muito forte e com chefes muito cultos. A sua política económica é a do Labour Party britânico, com o qual mantém relações normais.

Mas, ao mesmo tempo, este movimento operário sofre influência de Gaudi. Quere a independência da Índia. Este Labour Party é por enquanto uma força virtual; mas daqui a alguns meses será uma força efectiva perante a qual será impotente o governo britânico. Não sei se este tem a consciência desta situação, mas o Labour Party hindu e o Labour Party britânico seem. E assim se confirma o que há bem pouco escrevi: é do Oriente que preventivamente vem a luz.

Os nacionalistas hindus dividem-se naturalmente em extremistas e moderados.

Mas, tanto para uns como para os outros, aumenta cada vez mais a desconfiança tanto no governo como no partido britânico.

A atitude de desprezo de parte da massa dos funcionários ingleses, quer civis quer militares, para com todos aqueles que não são britânicos, sobre tudo quando não são brancos, fere intensamente toda a classe intelectual e infantil da classe burguesa da Índia.

O que querem os nacionalistas hindus?

O Congresso Nacional Hindu, que realizou as suas sessões no fim do ano de 1920, expressou com clareza a sua vontade. Os partidários de Gaudi queiram a autonomia, a independência do Indus. E em Ceilão esta vontade expressou-se por forma idêntica. Por enquanto reclamam simplesmente um Home Rule análogo, ao que gosam os «Commonwealth» ou repúblicas da Austrália. Os intelectuais hindus juntam-se e dizem-se cientes de governar livremente as Índias. E a sua crença apresenta-se com fundamento a todos os que conhecem e sabem a rapidez com que estes intelectuais nascem e assimilam toda a cultura ocidental. Esta incorporação não é superficial, E' profunda.

Liberata-s as suas cristas animais e politeístas ancestrais, tornando-os mais ou menos ateu ou pantheístas, como mo afirmava um dia um sábio jesuíta professor numa Universidade do Indus.

Esta cultura ocidental amalgama-se nesta raça afinada por séculos dum auge civilização, com as qualidades intelectuais e morais ancestralmente fixadas, para produzir uma mentalidade intelectualmente igual, e moralmente superior à generalidade dos ocidentais.

Não reclamam a cessação do Império Britânico, mas a sua inteira liberdade do Império, obrigando deste modo o Império a revestir uma forma francamente federal. Para realizar a sua vontade, os nacionalistas hindus repreendem o emprego da violência; recorrem à tática da «não participação», isto é, recusam-se a comparecer no funcionamento administrativo e governamental britânico e declaram por si mesmos os aliados do Labour Party britânico.

O governo britânico, totalmente obstinado na sua política reacionária, resiste a conceder satisfações aos nacionalistas. Espera sair das dificuldades por meio de compromissos. Esperança vã, porque a vida das sociedades desenrola-se com uma stricta lógica condicionada, exactamente como a vida de cada indivíduo, e é inútil pretender opor-nos-a a esta evolução social para mais liberdade, mais igualdade e mais solidariedade. Actualmente pode-se até constatar que o processo de transformação social faz-se na Índia com uma velocidade normal.

O Egito e o Império

O Egito não é um domínio, nem uma colónia, nem sequer um protetorado britânico. Apesar de tudo acha-se sob o domínio britânico. O povo egípcio, intelectuais e massa popular, quer o fim deste domínio. Exige a realização do objectivo tam clamado durante a guerra: o direito dos povos dispor de si com toda a liberdade. Para obter este direito, desde o armistício de 1918, o povo egípcio luta, sob uma forma pacífica em geral, apesar de se terem produzido algumas perturbações evidentes. Boicot a administração britânica com tanto sucesso que de facto, sob o ponto de vista interno, o povo egípcio conquistou a sua independência *de facto*. Mas não *de direito*. O governo britânico emprega no Egito política idêntica à da Índia, procura fazer um compromisso. A tarefa é árdua, visto a oposição dos nacionalistas e até de certos clãs reacionários britânicos representados por Lord Curzon e Winston Churchill. Estes partidários da violência desejariam recorrer a ela para manterem a sua supremacia no Egito. E' duvidoso que se possa realizar um compromisso. Dia a dia isto se torna difícil. A lógica dos acontecimentos impõe o povo egípcio à conquista da sua independência.

Tudo isto é inegavelmente no dia em que o Labour Party britânico alcançar o poder, quer seja, quer coligido com os radicais.

Paris, Março de 1921.

Augusto Hamor.

NA POLÔNIA

Justiça de classe

VARSÓVIA, 15.—O tribunal de Varsóvia condenou a ano e meio de prisão o padre Stanislaw Flis, por propaganda comunista. Etiene Cacka foi condenado a quatro anos de reclusão por ter propagado ideias comunistas entre os soldados. Mokovski, chefe do exército vermelho de Vilna foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados. Mokovski mostrou-se muito corajoso perante a justiça burguesa, e, sendo interrompido na sua deposição pelo presidente, gritou-lhe: «Somos nós, os proletários, que em breve tomaremos esta sala o lugar dos juízes!»

O mysl Robotnicka escreve: «A corte de apelação de Varsóvia condenou Baraniecki, membro do comitê central da Federação dos trabalhadores rurais, a ano e meio de prisão. É curioso notar que o Robotnick, órgão central do partido social democrata polaco, não disse uma palavra sobre a condenação de Baraniecki, que é, no entanto, um membro muito em desfaze no seu partido. Este silêncio é significativo. Os que se assentam nos fauteuils ministeriais ou sobre os bancos do Parlamento

deixaram de interessar-se pelos que sofrem nas prisões.»

E' preciso observar a respeito deste caso que Baraniecki pertence à oposição no P. S. e que os chefes da direita deste partido felicitaram-se por se verem desembargados dum dos seus mais implacáveis críticos. — Rosta.

Mais humanidade!

Somos informados de que é lastimável o estado em que se encontram os doentes na enfermaria do Limeiro.

Criaturas a quem a desorganização social atraiu para as prisões, vêm aí sem tratamento, numa amálgama horrível, contaminando-se por tal forma que amanhã o mal já não terá cura.

Há entre elas algumas em quem a sífilis se tem desenvolvido dum maneira assustadora, quando com um pouco mais de humanidade se poderia atenuar tam grande sofrimento.

Será bom que se olhe com mais um pouco de atenção pelos presos, pois que eles são homens e como tal devem ser tratados.

A BATALHA vende-se em

Abbeville.

Redação, administração e tipografia, Calçada do Címbio, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisbon • Telefone 5330 0.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DE VOLTA DUMA VIAGEM

As opiniões de Magalhães Lima

O velho democrata relata comovidamente a «Batalha» as suas impressões acerca da miséria na Áustria

Todos conhecem o trato agradável de Magalhães Lima. A sua conversa é interessante porque não envolve as frases da hipocrisia banal, que passa por afabilidade, nem fingir franqueza forçada que não se possui. Magalhães Lima não faz comédia. Fala-nos vontade, sem arrêres pensos, para que à vontade, lhe respondemos.

Procurámos-lo para ouvir, para aproveitar um pouco da viagem que ele fez, para sentirmos, enfim as emoções que ele sentiu. E ele, não se fez rogado. Os nossos pais os senhores fazem o que lhes apraz porque a lei lhes dá garantias, oferecendo-lhes portas falsas à sombra das quais os proprietários vão perpetrando toda a casta de poucas vergonhas. As condições em que presentemente vivem os russos podem não ser de facto não são extremamente prósperas. Mas só com lembrar-se a gente de que eles não tem já que sustentar senhores, acha a sua situação bem invejável.

Não é sindicalista, não está ao nosso lado lutando contra todas as tiranias. Ainda se ilude com o que em certos casos nos indigna. Por vezes, também as nossas esperanças caminham junta, também os nossos protestos atingem o mesmo alvo.

As divergências de opinião, porém, não são culpavoss, nem deleitam pouco.

Até onde ele nos acompanha na luta, seremos companheiros, formaremos juntos uma barreira formidável. Quando ele parar, não lhe teremos ódio, continuaremos a ouvir com atenção as suas opiniões sinceras, procuraremos aproveitar da sua experiência o que os nossos ideais e o nosso temperamento pudermos aceitar.

Mesmo quando o seu pensamento se não irmano com o nosso — o que acontece muitas vezes — gostamos de ouvi-lo, porque é ele, dos precursores dessa república incompleta, o que, pela conduta recta, pela forma superior como encara as questões, merece ser ouvido com respeito e agrado.

Comovemo-nos a descrição deste quadro. Pensamos se não chegaremos a miséria semelhante, caso os governos continuem a desprezar o problema da habitação. Já há por aí tanta desgraça por esses países e sulfitas!

— Veja agora o contraste — disse em seguida o decano dos livre-pensadores portugueses. Percorri os arrabaldes de Viena e a mais negra miséria desenrolava-se diante dos nossos olhos. Debaixo pediu o governo austriaco a Entente para consentir a sua união à Alemanha, como medida de salvação pública. «Só isto fortalecer o germanismo, responder-lhe. Debaixo foi o chanceler Renner pessoalmente a Paris, e a Londres expor a situação. Entrestando a desgraça ia alastrando favorecidamente, e para lá da desgraça milhares de cadáveres tornavam o quadro ainda mais lugubre.

E a expressão de Magalhães Lima tomou um acento de infinita tristeza.

— No bairro Wiener Gemeinderberirk estavam um pequeno edifício com três divisões, habitadas por 127 famílias com cerca de 4.000 crianças, dormindo numa

perfetta promiscuidade.

Comovemo-nos a descrição deste quadro. Pensamos se não chegaremos a miséria semelhante, caso os governos continuem a desprezar o problema da habitação. Já há por aí tanta desgraça por esses países e sulfitas!

— Na noite de sexta-feira, 15 de Março, o «Wiener Wald» — prossegui — numa improvisada barraca de madeira, onde vivem homens, mulheres e crianças em estado quase de nudez, apenas lhes são fornecidos semanalmente 7 quilogramas de alimentos. Há casas sem luz, verdadeiras tendas sem higiene, que mais parecem prisões do que outra coisa. O olhar desvairado das crianças dali-a-lhes um aspecto de loucura. Tive a impressão de visitar um manicômio ou um cemitério.

— E foi com verdadeiro horror que Magalhães Lima continuou:

— Provarrei que é a questão económica que prima sobre todas as outras. A pungente realidade que observei trouxe-me a convicção de que terminou a era cristã e que uma nova era está em elaboração.

— Esta última frase surpreendeu-nos. Como ela contrasta fortemente com o que a imprensa burguesa propõe aos que acreditam que é a era da paz, da abundância, da prosperidade.

— As minhas impressões — disse-nos o dr. sr. Magalhães de Lima ao iniciar a interessantíssima conserva que tentamos reproduzir — são animadas da maior imparcialidade. Pouco me importa que elas agridem ou desagradem. Pediram-nos uma espécie de relato do que vi na república austriaca, por ocasião da minha última visita, e vou satisfazê-los.

— Ante o nosso sinal de assentimento, Magalhães Lima continuou:

— Provarrei que é a questão económica que prima sobre todas as outras. A pungente realidade que observei trouxe-me a convicção de que terminou a era cristã e que uma nova era está em elaboração.

— Esta última frase surpreendeu-nos. Como ela contrasta fortemente com o que a imprensa burguesa propõe aos que acreditam que é a era da paz, da abundância, da prosperidade.

— Com a maior cordura — respondeu-nos, Está no poder o socialismo cristão, que se encontra nas mesmas dificuldades do seu antecessor, porque os recursos económicos continuam a faltar. Não é com decretos que se resolve a situação: é com pão e leite indispensáveis à alimentação das crianças.

— Mas como modificar essa situação?

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

— O futuro da Áustria depende do auxílio que lhe levar a Sociedade das Nações. Esta, na sua última reunião, em Genebra, depois de repetidos apelos, resolveu não só admitir a Áustria no seu seio, mas também acudir-lhe financeiramente.

— Não é a única solução: é a única que pode ser encontrada.

